

social implica o pressuposto de uma teoria do homem. Só uma antropologia filosófica existencialmente projetada nos dá uma real teoria da vida humana (vd. entre sua extensa produção científica. Tratado Geral de Sociologia, ps. 109|139). Isola o objeto formal quando assenta: "Ainda que os fenômenos de que se ocupa a Sociologia estão dotados de sentido, o que a Sociologia estuda não é o conjunto de uns sentidos abstraídos dos fatos reais em que tais sentidos se tem criado, como se estes fôsem uma espécie de estruturas ideais autônomas. Pelo contrário, o que a Sociologia estuda é o conjunto de uns fatos humanos específicos, os fatos sociais, como fatos no espaço e no tempo, como realidades empíricas, só que tomando em consideração o sentido de que estão dotados, pois a compreensão desse sentido é necessária para explicar o processo real de tais fatos" (op. cit. p. 92).

TEMPO DE PIÉRON

PAULO ROSAS

Introdução

Estive em Paris um pouco antes e algum tempo após à morte do professor Henri Piéron (1). E ao lado de homenagens formais e comentários de praxe, que lhe foram então naturalmente tributados, pude compreender que o papel de Piéron no quadro geral da Psicologia Francesa representa antes de mais nada o de promotor dos estudos científicos, pelo menos promotor da mais considerável parcela dos estudos científicos ao seu tempo realizados na França no domínio da Psicologia. Não apenas — embora também — um cientista. Mas, suponho que conscientemente, um "propagandista", um "persuasor". Por mais que se digladiem as correntes e os grupos, Piéron, líder de um grupo, de vários grupos, é também, sem favor, líder de uma época. Tempo de Piéron.

Traço de união entre divergências. Entre oponentes. Não que não tenha sofrido, êle próprio, oposição, objeções, críticas. Sofreu-as. Mas, sempre o exame desapaixonado levava a reconhecer no professor Piéron um homem sincero, devotado à ciência por seu trabalho inteligente e seu ardor de crente.

Nesse sentido, Henri Piéron lembra Granville Stanley Hall. Autor de ensaio clássico sobre a adolescência (1905), integrando uma corrente de pensamento, não se ilhou na sua perspectiva; e, apesar de os primeiros autores de estudos sobre a adolescência quase mutuamente, se desconhecem sobretudo quando as contribuições vinham de países diferentes, em geral citam Stanley Hall. Criticam-no muitas vezes. E o citam e o criticam com respeito. Malgrado a vulnerabilidade de seus pontos de vista. Seus métodos improvisados e a carência de outras perspectivas antes elaboradas de modo sistemático sobre a questão, fazem de Stanley Hall "não um mestre incontestável nem um erudito indigesto",

mas um "fecundo iniciador" — escreve Maurice Debesse (*Comment étudier les adolescents*, PUF, Paris, 1947). Diz ainda Debesse, referindo-se a Stanley Hall: "Todos os que o conheceram foram batidos por sua vitalidade, por seu dinamismo interior, que fazia dele um professor capaz de entusiasmar um auditório, de fazer nascer vocações, de provocar veneração".

Não conheci pessoalmente o professor Piéron. Contudo, a vibração com que escreve, mesmo quando o assunto é árido, a vibração com que sobre ele se escreve, mesmo quando se o critica, sugeriram-me a associação entre o papel de Stanley Hall nos Estados Unidos, quanto à Psicologia da Adolescência, e o papel de Henri Piéron, na França, quanto à Psicologia Experimental. Falei dessa associação à Sra. Geneviève Oléron, sua ex-discípula e atual vice-diretora do Instituto de Psicologia da Universidade de Paris. De início, concordou comigo a professora Geneviève Oléron. Para acrescentar em seguida: "...mas, no caso de Piéron, há uma diferença: sua influência se estende a toda a Psicologia, e não se limita à Psicologia Experimental".

Posterior familiarização com a obra de Piéron e contatos com numerosos psicólogos atuando em universidades francesas de Paris, Strasbourg, Lyon, Marseille, Aix-en-Provence, Toulouse e Bordeaux, confirmaram a observação da Sra. Oléron.

De certo modo, Piéron viveu na França, quanto à *Psicologia*, o papel que Stanley Hall viveu nos Estados Unidos, quanto à *Psicologia da Adolescência*. É bem verdade que Stanley Hall era realmente um iniciador. E se estudos outros tinham sido publicados abordando a adolescência, particularmente *La Puberté*, de A. Marro (1897), é lícito atribuir a Stanley Hall o papel de iniciador dos trabalhos sistemáticos sobre a questão. Já Piéron, contava com as experiências da Psicofísica (entende Reuchlin que em nada Piéron deve sua formação aos laboratórios alemães, embora conhecesse muito bem todos os seus trabalhos). Contava com as reflexões científicas de Claude Bernard. Contava com um comêço de tradição, que vinha de Janet, de Binet, de Ribot. Com a antevisão das aplicações da psicologia experimental, alimentada por Edouard Toulouse. De outro lado, é justo acrescentar a favor de Piéron: se também ele

não é um mestre incontestável, seus procedimentos metodológicos, que explora, aperfeiçoa, inventa, são bem menos improvisados, bem mais tecnicamente analisados, bem mais válidos do que os procedimentos empregados por Stanley Hall. E se vários deles são hoje superados e já se os não usa, outros há que ainda são adotados com êxito ou simplesmente foram modernizados em face do nível técnico atualmente alcançado, ou, ainda, serviram como paradigma ontem, hoje, como sugestão. Que mais se pode exigir da reflexão científica?

Fui, assim, sensibilizado pela personalidade e pela obra de Henri Piéron. E decidi-me a estudar o que estou chamando de "tempo de Piéron" — o presente artigo é uma primeira aproximação ao problema.

Desde os primeiros passos, detendo-me com certa minúcia sobre alguns documentos básicos (*Notice sur ses travaux scientifiques*, 1923; *Supplément à la Notice sur ses travaux scientifiques*, 1936; *Notice Supplémentaire sur ses travaux scientifiques*, 1942), verifiquei ser a tarefa por demais complexa. Pois a obra de Piéron se estende por livros sobre diversos e especializados campos da Psicologia e, sobretudo, por centenas de artigos, críticas, conferências, cursos, comentários. Durante os meses de minha permanência na França (novembro de 1964 a junho de 1965), pesquisei quanto me foi possível — quer entrevistando antigos alunos de Piéron, hoje pesquisadores e mestres, quer trabalhando sobre sua imensa colaboração a revistas científicas, particularmente a *L'Année Psychologique* e ao *Bulletin de l'INOP*.

Não obstante, devo honestamente observar que longe estou de cobrir toda a extensão de suas pesquisas, pelo menos de modo sistemático e suficientemente refletido. Continuarei estudando o assunto.

Ressalto, enfim, que nesta primeira fase de minhas pesquisas sobre o "tempo de Piéron", muito contribuíram as sugestões que me foram feitas pelos professores Geneviève Oléron e Maurice Reuchlin — êste colocando à minha disposição artigos seus inéditos, datilografados ou em parte manuscritos. Agradeço à compreensão da ASTEF (*Association pour l'Organisation des Stages en France*), à compreensão do Sr. J. Meyour,

que tenha a ASTEF contribuído com livros e publicações outras para facilitar a realização do presente trabalho.

A formação psicológica de Piéron

Em *Bref Historique des Tendances de la Psychologie Française* (2), Maurice Reuchlin compara o período inicial da Psicologia Francesa a uma obra teatral, cujo primeiro ato seria marcado pela passagem de Ribot pelo Collège de France (1888 a 1912), quando Piéron, “recolhendo a herança de Binet”, tornou-se Diretor do *Année Psychologique* e do Laboratório de Psicologia Fisiológica da Sorbonne. O herói teria sido Ribot, coadjuvado por Janet, Dumas, Binet e, “no fim do ato”, por Piéron.

É que a par de mais jovem, Piéron vinha de outro ramo de estudos. Não da Medicina (3), que Ribot considerava o primeiro passo para ser psicólogo. Mas, da Filosofia. Na realidade, depois de licenciado em Filosofia, é que Henri Piéron procurou Binet, dizendo de sua pretensão de se dedicar à Psicologia. Isto no limiar do século XX.

Iniciando-se como auxiliar de N. Vaschide, no Laboratório de Psicologia Experimental do *Asile de Villejuif*, onde Edouard Toulouse era Diretor, já em 1902 publicava seu primeiro livro, escrito em colaboração com N. Vaschide. Tratava-se de um estudo sobre os sonhos (*La Psychologie du Rêve aupoint de vue médical*). Não há qualquer referência a Freud. Aliás, por sua formação experimental, seu interesse pelo objetivo ou o subjetivo, “quando objetivamente constatável” (escreve em 1907), Piéron jamais deu bastante atenção à Psicanálise.

A carreira de Piéron é rápida e fecunda. Sua produção cresce em número, mas também cresce em originalidade e pela profundidade de suas análises, pelo aperfeiçoamento metodológico. Justifica-se, pois, que Reuchlin fale — tratando de sua suposta obra teatral — do segundo ato dominado pela figura de Piéron: Piéron e a Psicologia Fisiológica.

Vindo, assim, de uma licença de Filosofia, Piéron desenvolveu formação psicológica em laboratório. Em laboratório, Piéron experimentou, refletiu sobre a conduta do homem, examinou hipóteses, formulou explicação e definiu sua perspectiva de interpretação psicológica, inclusive quando pensou uma Psi-

cologia Aplicada. A Psicologia Aplicada em Piéron é conscientemente uma tentativa de simplificação das técnicas mais complexas empregadas nos laboratórios.

Escopo da Psicologia Experimental

No começo do século, quando Piéron iniciou suas pesquisas, reinava certa indefinição quanto ao escopo da Psicologia. Havia, antes de tudo, a tradição filosófica, insistindo sobre uma visão que, desde Fechner, satisfazia cada vez menos. Havia as arestas nascidas da polêmica entre Gabriel Tarde e E. Durkheim. Havia a admirável antevisão de Claude Bernard, pensando com originalidade sobre a “medicina experimental” (1856) e abrindo perspectivas novas para o estudo das ciências humanas. E do perspectivas novas para o estudo das ciências humanas. E em toda a parte as hipóteses de August Comte faziam-se rapidamente preconceitos. Na França, a despeito de Pierre Janet, a Psicologia praticamente não se arriscava além dos limites dos fenômenos conscientes e estritamente “positivos”. Não eram poucos os que, como o próprio Piéron, ao lado de respeitosa afeto por Janet, não o aceitavam, por considerarem sua metodologia carente de objetividade científica.

Problemas inúmeros se punham na ordem prática. Um mesmo termo tinha conotação diferente quando empregado por “psicólogo” de formação filosófica, fisiológica, sociológica, médica. Alguns propuseram terminologia nova (Beer, Bethe, Uexküll), na expectativa de contornarem as dificuldades. Pensavam, por exemplo, em substituir expressões clássicas, como sensação tátil e sensação visual, por *tango-recepção* e *foto-recepção*. Piéron rechaça tal hipótese, por lhe parecer estéril e na realidade nada resolver: além de, no seu modo de ver, não tardar a serem usadas as duas expressões como sinônimos, seu empenho forçaria o completo abandono da introspecção. Abandono com que não concordava Piéron.

Não sei se Piéron teve a intenção, mas suas talvez mais sugestivas contribuições publicadas nas duas primeiras décadas do século XX, reportam-se sobre o escopo da Psicologia. Sua preocupação científica o induz a ressaltar desde logo os “fenômenos objetivos”. Mas, sua intuição e sua clara compreensão da conduta o induzem a não desprezar os dados subjetivos, desde

que, adverte, "objetivamente constatáveis". Nada menos de 18 trabalhos consegui anotar tratando no todo ou em parte sobre a natureza e objeto da Psicologia.

Era comum àquela época que psicólogos ainda não habituados às verdadeiras características da Psicologia Científica, com o ímpeto de cristãos novos e a pretexto de resguardar a natureza científica da Psicologia, se insurgissem contra a introspecção. Sem que se possa edificar a Psicologia Científica sobre uma base estritamente introspectiva, é claro que se não pode abrir mão da introspecção, em se tratando da interpretação psicológica. Esta é hoje opinião corrente entre os teóricos da Psicologia. Há, mesmo, autores do porte de Woodworth, que não admitem ser a introspecção não objetiva: "dados introspectivos e dados objetivos, dizem êles, são fundamentalmente os mesmos — ambos dependem de observações feitas por pessoas. A diferença principal entre os dois tipos de dados é o fato de que os introspectivos são privados — só pode existir um observador para êsses dados — ao passo que os objetivos são públicos, isto é, várias pessoas podem observar o mesmo fato e comparar o resultado de suas observações, verificando assim o acôrdo ou a falta de acôrdo entre êsses resultados" (Woodworth e Marquis, *Psicologia*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1958). Em meio aos debates acirrados, Piéron compreendeu que os dados subjetivos eram válidos. Não poderia, pois, aceitar a redução reflexológica de Bechterew. Nem aceitaria mais tarde, coerentemente, o behaviorismo de Watson.

A leitura, como tive oportunidade de fazer, dos artigos de Piéron, seguindo um plano cronológico, dá ao leitor as pegadas de sua reflexão. Pareceu-me apaixonante segui-las. Quase pensando alto, escreve Piéron em artigo hoje documento para a História da Psicologia, publicado em 1907, na *Révue Scientifique*:

"La Psychologie occupe une place distincte dans la biologie, (com relação à Fisiologia), non pas tant d'ailleurs par son objet que par son langage." (4)

E adiante:

"La delimitation de la psychologie de comportement et de la physiologie a pu sembler un peu précaire; toutefois la différence même de langage donne un critère apparent; parler de

sensations et de souvenirs, ou de de métabolisme et d'influx nerveux indique deux disciplines différentes."

Como se observa, justamente, na França, Piéron definiu a psicologia como ciência do comportamento ("science du comportement des organismes") em 1907, antes da "batalha do behaviorismo". Volto a citar suas palavras no mesmo artigo:

"Mais si ces recherches ne portent pas sur la conscience, sur quoi donc porteront-elles, qui ne soit déjà étudiée par la physiologie? Elles porteront sur l'activité des êtres et leurs rapports sensori-moteurs avec le milieu, sur ce que nous sommes en droit d'appeler le comportement des organismes."

No entanto, o sentido do termo "comportamento" conforme é empregado por Piéron, é mais amplo e corresponde melhor ao sentido no momento atual generalizado, do que o proposto e defendido com intransigência por Watson. O que não isenta Piéron de lastimável embora compreensível lacuna, pois implícita e explicitamente é levado a integrar a Psicologia na Biologia, esquecendo ou àquela altura ainda não compreendendo a significação dos dados sócio-culturais para a compreensão do comportamento.

As constantes da Psicologia de Henri Piéron

Igual à sua formação, a obra de Piéron versa sobre os mais variados domínios de que se ocupa a Psicologia. Entretanto, é possível ressaltar duas áreas que expressam as constantes dos trabalhos científicos de Piéron: *Psicologia Experimental* e *Psicologia Aplicada*. Áreas que, por sinal, num certo sentido envolvem toda a Psicologia.

Psicologia Experimental

Homem de laboratório, jamais se limitou Piéron ao laboratório, mas, foi o laboratório seu campo dominante de trabalho. E no laboratório, as pesquisas de psicologia fisiológica é que foram o centro de seus interesses. Ribot imprimira a seus estudos um cunho patológico, que passou a caracterizar em grande parte a psicologia francesa. A nota principal de Piéron, que fez a

psicologia francesa respeitada em todo o mundo, foi precisamente a ênfase sobre o aspecto fisiológico do comportamento.

É certo que muito contribuiu para o desenvolvimento da psicologia animal — também esta era tida na França como “não positiva” e, conseqüentemente, não científica. Em numerosos artigos, alguns dos quais reunidos mais tarde em *De l'actinie à l'homme* (1958/59), Piéron abre novos caminhos para a análise de comportamento animal. E sua *Psychologie Zoologique* (incluída no *Nouveau Traité de Psychologie*, de G. Dumas) atesta igualmente a seriedade de seus estudos neste domínio. Contudo, não foi o animal, foi o homem, que Piéron teve em mira na maioria de suas pesquisas. Haja visto o título de seu último livro, concluído já no hospital, onde veio a falecer: *L'Homme, rien que l'Homme*. Haja visto a penetração, a sensibilidade com que trata da “humanização”, na IV parte de *De l'Actinie à l'Homme*.

É certo que dentro da Psicologia Humana, apresentou valiosa contribuição para o desenvolvimento de estudos de cunho não necessariamente fisiológico, pesquisando sobre a percepção, a memória, a aprendizagem, as emoções.

Mas, é indiscutível terem sido suas análises dos fenômenos psico-fisiológicos que o fizeram mais notável como cientista. Seus pacientes, sistemáticos, ao tempo exaustivos estudos sobre as sensações — *Sensation, guide de vie*, é título de um dos seus livros mais divulgados e em geral apontado como dos melhores. Estudos psico-fisiológicos, que formam o denominador comum, a tônica mais lúcida presente mesmo naquêles trabalhos que tratavam de outra área. O próprio Piéron escreve, abrindo a *Introdução* em *De l'Actinie à l'Homme*: “No curso de um pouco mais de meio século, empreendi pesquisas sobre problemas bastantes variados, mas sempre em uma única direção, a da análise dos comportamentos e a descoberta dos mecanismos biológicos em jogo, mecanismos cuja identidade fundamental aparece em toda a série dos organismos, inclusive dos organismos humanos que devem integrar, entre as ações exteriores, as do meio social, sem o qual não poderia existir a humanidade.” (5)

De tal modo, é reconhecidamente válida sua contribuição à Psicologia Fisiológica, que em 1923 foi criada uma cadeira de Fisiologia das Sensações no *Collège de France* destinada a

Henri Piéron, cadeira que ocupou até 1952. Desde então, vale dizer, continua vaga, a despeito de contar a França com professores do melhor nível, nomes entre outros como os de A. Fessard, J. Paillard, B. Metz e, noutra linha de análise, Paul Chauchard.

Ao iniciar suas pesquisas, no campo da psicologia experimental, não dispunha Piéron de procedimentos metodológicos e de aparelhos que permitissem uma experimentação segura, pelo menos com referência a todos os fatos por que se interessava. Mesmo porque desde o início assumira atitude cientificamente crítica em face aos instrumentos existentes. Não lhe satisfaziam muitas das técnicas psico-físicas dos laboratórios alemães, que, desde Wundt e Helmholtz e, mais ainda, com a divulgação dos *Elementos de Psicofísica*, de Fechner, provocavam interesse e curiosidade de meio mundo. Paciente e sistematicamente, com a colaboração de N. Vaschide e E. Toulouse, não apenas experimentou, mas, como já foi dito antes, adaptou, melhorou, inventou dezenas de aparelhos. Ele próprio e seus companheiros de laboratório e alunos funcionavam como sujeitos das primeiras experiências.

A publicação de *Technique de Psychologie Expérimentale*, de Toulouse, Vaschide e Piéron, mórmente a 2a. edição (1911), assinada por Toulouse e Piéron (face à prematura morte de Vaschide), faz patente o nível e seriedade do grupo de *Asile de Villejuif*. Não se trata de compilação (era muito escassa a bibliografia então existente) nem de mero catálogo dos aparelhos conhecidos. Trata-se de uma revisão das técnicas empregadas nos laboratórios franceses, alemães, ingleses, de tal modo minuciosa, que deve ter sido o melhor livro de texto escrito por pesquisador francês e, na época, publicado sobre a matéria.

Ainda sobre *Technique de Psychologie Expérimentale*, é de se notar que a bibliografia citada era toda estrangeira: Judd (*Laboratory Manual of Psychology e Laboratory Equipment for Psychological Experiments*, ambos publicados em Nova Iorque, 1907), Myers (*A text-book of experimental Psychology*, Londres, 1909), Titchener (*Experimental Psychology — A manual of Laboratory Practice*, 4 volumes publicados simultaneamente em Londres e Nova Iorque, entre 1901 e 1904) e Sanford (úni-

co citado em tradução francesa, *Cours de Psychologie Expérimentale*, Paris, 1900).

Dos livros acima, conheço apenas o *Manual* de Titchner, aliás, não a edição completa, de modo que no momento não sou competente para julgar da originalidade de *Technique de Psychologie Experimentale*. O plano da obra é fundamentalmente didático. Perto de 70 aparelhos são descritos, analisados, criticados, acrescentando os autores sugestões práticas para os empregar na realização de pesquisas. Além da medida das sensações e percepções, tratam do que chamam “fenômenos de objetivação”: certeza do testemunho, sugestibilidade, reação voluntária, tempo de reação, rapidez e precisão motoras. Mas, não deixam de trazer uma contribuição ao estudo da personalidade (chamam “determinação da síntese individual”) e dos “fenômenos intelectuais”, neste caso com a utilização dos testes psicológicos.

Da só discriminação sumária do seu conteúdo, depreende-se que os autores pretenderam cobrir o mais amplamente possível os assuntos estudados pelos psicólogos no momento em que escreviam. Neste sentido, vale como verdadeiro panorama da metodologia psicológica em 1912, admitida na maioria dos laboratórios então existentes. Não vale como panorama das teorias psicológicas, que àquela altura se debatiam, que o próprio Piéron debateria noutros documentos, o que, aliás, não correspondia ao objetivo da *Technique de Psychologie Expérimentale*.

Psicologia Aplicada

Concomitantemente com seus estudos de Psicologia Experimental, Piéron trabalhou sobre a metodologia própria da Psicologia Aplicada. Aliás, outra não é a tarefa que lhe foi conferida por Toulouse, quando o recebeu no *Asile de Villejuif*: “trabalhar para o aperfeiçoamento das técnicas de psicologia aplicada de aplicação individual”.

Colaborando com Toulouse e Vaschide, compreendeu Piéron a importância de preparar sob a forma de testes simplificações das técnicas usuais em laboratório, técnicas sem dúvida indispensáveis para a realização de estudos mais finos, mas por

demais complexas e dispendiosas para serem usadas pelos serviços de psicologia aplicada. Vários testes foram então criados, alguns dos quais ainda hoje empregados com êxito por inúmeras pesquisas comprovado. Neste caso, o teste de “atenção concentrada” (“teste de barrage”), de Toulouse e Piéron, que integra a *Bateria Cepa*, de uso corrente no Brasil.

Todavia, é a partir de 1928, com a fundação do INOP (*Institut National d'Orientation Professionnelle*) que é decisiva para a evolução da psicologia francesa e influência de Piéron na psicologia aplicada. Seu trabalho foi então realizado com a cooperação constante da Sra. Piéron. O *Bulletin de l'INOP*, cuja coleção teve oportunidade de manipular (1929-1964), é testemunho não apenas do fecundo labor científico do professor e Sra. Piéron, como o mais legítimo porta-voz da psicologia aplicada francesa. Nêle colaboram Fontègne, Lahy, Laugier, Bonnardel (6), Faissard...

Nas páginas do *BINOP* e do *Année Psychologique* se iniciam ou se desenvolvem inúmeros dos que edificaram e que ainda fazem a Psicologia Francesa. E a influência do “patrão” estava quase sempre presente.

Como esteve no seu melhor trabalho neste domínio o *Tratado de Psicologia Aplicada*, ainda hoje fonte obrigatória para os estudantes de Psicologia de meio mundo. Escrito com outra linguagem, reunindo contribuição de especialistas como J. M. Faverge (estatística), Pierre Pichot (testes) Jean Stoetzel (estudo da opinião), entre outros, o *Tratado de Psicologia Aplicada* é atualmente, no tocante à Psicologia Aplicada, o que foi no seu tempo *Technique de Psychologie Expérimentale*, no tocante à Psicologia Experimental.

Perspectivas

Ao lado de campos onde tradicionalmente a contribuição da França é estimável, como a Psicologia Experimental, Psicologia Fisiológica, Psicologia Aplicada, Psicologia Diferencial, entre outros, observei em meu contato com centros de ensino e pesquisa franceses particular desenvolvimento dos estudos de Psicologia Social, Psicanálises e por um novo estilo de pesquisa ergonômica e de Psicologia Industrial.

Não seria correto descobrir Piéron no progresso das investigações psicanalíticas — lembre-se que Piéron sempre encarou com reserva as hipóteses da Psicanálise, em especial as generalizações freudianas. Também não vejo sua influência de modo marcante sobre especialistas de Psicologia Clínica e Psicoterapia, embora não de orientação psicanalítica, como os psicanalistas em evidente progresso na França de hoje. A Psicologia Social, como hoje se constrói com Stoetzel, Pagès, Cl. Flament, nutre-se bem mais nas fontes norte-americanas do que na tradição de Piéron. Acredito, ainda, que se realizam independentemente da ação direta de Piéron, ou como consequência imediata de suas hipóteses, os atuais estudos de Psicologia Industrial e de aumento de produtividade (o Serviço de Psicologia Aplicada da *Association Française pour l'Accroissement de la Productivité* — AFAP —, dirigido por François Gauchet, representa um ponto alto neste particular). Como independentemente de Piéron vem pesquisando o *Centre d'études et de recherches psychotechniques* (CERP), voltado para análises ergonômicas, quer de natureza experimental, psico-fisiológica, quer de natureza psico-social. No CERP impressionou-me o professor J. Leplat, um dos mais lúcidos psicólogos que conheci na França.

Nos demais domínios referidos, a marca de Piéron, sem minimizar o esforço de originalidade dos atuais cientistas, é indiscutível. Senão sobre todos os pesquisadores, certamente sobre pesquisadores que se situam entre os mais representativos da Psicologia Francesa, no momento atual. Mestres, como Paul Fraisse e a Sra. G. Oléron, no tocante à Psicologia Experimental; como J. Paillard, no tocante à Psicologia Fisiológica; René Zazzo, quanto à Psicologia Infantil e Aplicada; M. Reuchlin, quanto à Psicologia Diferencial, e, de modo geral à metodologia científica matematicamente elaborada.

Henri Piéron não é um "mestre incontestável". É um cientista, que soube ultrapassar os limites de seu laboratório, para se fazer propagandista da ciência.

NOTAS

- (1) Henri Piéron nasceu a 18 de julho de 1881 e faleceu a 6 de novembro de 1964.
- (2) Trabalho apresentado ao XVII Congresso Internacional de Psicologia, rea-

lizado nos Estados Unidos. Li os originais datilografados, por gentileza do Autor.

- (3) Lourenço Filho, no Prefácio à *Psicologia do Comportamento*, de Piéron, diz ter sido Piéron médico militar, durante a guerra de 1914-18. Também Paul Fraisse, no *Traité de Psychologie Expérimentale* (Vol. I, pág. 34), fala vagamente de ter Piéron realizado "estudos médicos e científicos"... No entanto, o professor Reuchlin em artigo publicado no *Bulletin de l'INOP* diz não ter Piéron seguido curso médico. E o próprio Piéron assim o afirma, em *Notice sur ses travaux scientifiques* (1923).
- (4) Parêntese meu. Lembro que Piéron se inclinava por classificar a Psicologia, ao lado da Fisiologia, entre as disciplinas biológicas.
- (5) Apesar de sua referência expressa ao social, não me parece que Piéron tenha convenientemente analisado a variável sócio-cultural em suas pesquisas.
- (6) R. Bonnardel logo criaria sua própria revista, *Travail Humain*, à qual daria o melhor dos seus esforços. *Travail Humain* é hoje, ao lado de *Ergonomics* e algumas outras revistas especializadas publicadas em outros centros, fonte indispensável para quem pretende estudar com seriedade o trabalho do homem. O *Bulletin du CERP*, dirigido pelo professor Jacques Leplat, é, sem favor, uma dessas fontes.